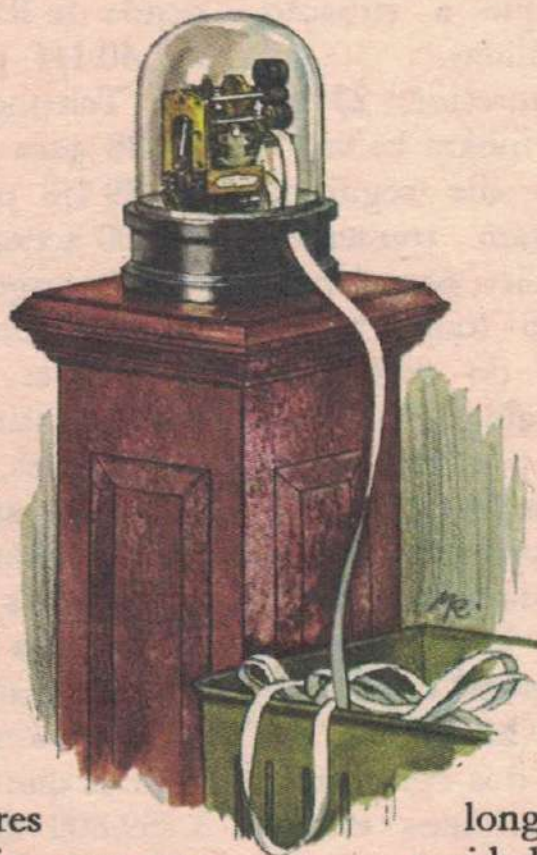


O desastre de outubro de 1929: *Pode tornar a acontecer?*

Condensado de
AMERICAN HISTORY ILLUSTRATED
DON WHARTON

Têrça-Feira Negra



NOS MOMENTOS que precederam o gongo de abertura, às 10 horas, naquela nevoenta manhã de outono, pairava um ar de apreensão na Bôlsa de Valôres de Nova York. Todavia, nem um único dos 700 corretores na sala de cotações, nem qualquer dos 2.000 contínuos, telefonistas, operadores do tubo pneumático, anotadores oficiais e outros funcionários da Bôlsa adivinhava que aquela têrça-feira, 29 de outubro de 1929, seria um dia histórico. Na realidade, provocaria as maiores perdas da história financeira.

Porém, alguns corretores mais atentos pressentiram tempestade. Os preços dos papéis vinham subindo num prolongado surto de prosperidade desde 1923, primeiro aos poucos, logo em saltos impressionantes. Uma orgia especulativa de proporções sem precedentes tinha varrido o país. À medida que os preços subiam, alcançando alturas vertiginosas, cada vez mais americanos começavam a comprar ações, numa espécie de frenesi — freqüentemente «com margem», o que significa que o

cliente entrava apenas com 10 % do custo das ações, sendo o restante financiado pela corretora que fazia a transação. Durante 1928 e 1929, funcionários governamentais e importantes homens de negócios repetidamente deram o seu aval a esta insensata euforia. De três em três meses, aproximadamente, as ações caíam, para recuperarem logo no dia seguinte, e subirem mais ainda, enquanto pessoas de responsabilidade afirmavam que a situação era «básicamente sólida».

Na quarta-feira anterior, 23 de outubro, os papéis tinham baixado, e não subiram no dia seguinte. Ao contrário, caíram tremendamente nessa quinta-feira, para depois vacilarem como um touro ferido durante as sessões de sexta-feira e sábado. No domingo, a Wall Street foi invadida por ônibus de turistas, com os guias mostrando o lugar «onde se perdera todo aquele dinheiro». Na segunda-feira, o mercado baixou mais ainda, e, na última hora, as vendas eram frenéticas. Nessa noite houve luz até tarde nos escritórios dos corretores, enquanto seus empregados enviavam incontáveis telegramas e utilizavam todos os telefones disponíveis, incluindo os das cabinas públicas dos corredores e das tabacarias, exigindo aos clientes que aumentassem suas margens — isto é, que entrassem com dinheiro para cobrirem seus empréstimos.

A BARRAGEM REBENTA. O gongo elétrico toca para a abertura da sessão de terça-feira, e centenas

de corretores formigam à volta dos 17 postos em forma de ferradura onde se processa a compra e venda, para executarem as ordens, acumuladas durante a noite anterior, de vender, vender, vender. Os preços de abertura dos títulos começaram a dançar na grande tela Translux, uma versão ampliada das cotações em fita telegráfica vindas dos escritórios de corretagem em todo o país. A primeira venda de Radio Corporation baixou de 40 1/4 para 10 1/4; International Telephone & Telegraph caiu de 88 para 17, e Allegheny desceu de 29 1/8 para 4 7/8, num lote de 50.000 ações.

A barragem rebentara, e todo o mundo começou a vender ações a qualquer preço. Blue Ridge, um dos investimentos de confiança — cujas ações, segundo os otimistas, poderiam agüentar o mercado em tempos conturbados — vinha sendo negociada a 24 dólares. Abriu a 10 e logo caiu para três.

Estas baixas provocaram ainda maior número de vendas, num volume que bateu todos os recordes: 3.259.800 ações por volta das 10 horas da manhã — mais, em meia hora, do que a Bôlsa, até 1925, havia transacionado num dia inteiro. Pelas 10,50, a fita estava tão sobrecarregada que, em vez de fornecer a cotação logo a seguir à transação, só a dava 17 minutos depois. Ao meio-dia, já tinha um atraso de 45 minutos e, à uma hora da tarde, de 65 minutos. A incerteza derivada de não se saber o preço corrente

provocou ainda maior número de vendas desordenadas. As amedrontadas vítimas despejavam suas ações no mercado — o mesmo fazendo os corretores de clientes que não puderam aumentar suas margens e ainda os que procuravam fazer dinheiro vendendo os seus próprios papéis.

A certa altura da manhã, anunciou-se que uma pequena firma corretora tinha falido, fato que provocou nova onda de vendas. Era como se a histeria que varria o país estivesse agora tôda concentrada nesse vasto salão de pedra da Bôlsa de Nova York. A atividade no salão de vendas começou a parecer uma cena de multidão em delírio. Corretores corriam de um pôsto de venda para o outro, empurrando, rodopiando, gritando, o suor escorrendo pelas faces. À volta de um pôsto chegavam a estar 20 corretores tentando vender determinadas ações, e nenhum com ordem de comprar. A efervescente gritaria dos corretores, ocasionalmente entrecortada por gritos, rugidos e assobios, ouvia-se fora da Bôlsa, na Broad Street.

Através do barulho escutava-se o incessante martelar do quadro de avisos prevenindo um corretor de que o seu escritório o chamava ao telefone, batendo um sinal numa placa de metal com o número dêle.

ORAÇÕES E PRAGAS. Ao meio-dia, os diretores da Bôlsa foram convocados para uma reunião secreta, a fim de discutirem a suspensão

dos negócios. Essa reunião realizou-se numa pequena sala sob o salão de vendas, com guarda à porta. Os 40 diretores entraram discretamente um a um ou em grupos de dois ou três. A salinha de teto baixo estava apinhada, e a maioria das pessoas não podia sentar-se. Numa reunião tensa, com notícias de cotações cada vez mais baixas chegando a cada minuto, os diretores decidiram não suspender. Estavam tão nervosos que Richard Whitney, presidente em exercício da Bôlsa, contaria mais tarde que muitos dêles «acendiam cigarros um atrás do outro, tiravam uma ou duas baforadas, jogavam fora e logo acendiam outro».

Ao mesmo tempo, o pânico instalara-se furiosamente no andar de cima, agravado pela dificuldade nas comunicações. A fita de cotações atrasara-se ainda mais, os tubos pneumáticos para a transmissão de ordens estavam entupidos e as linhas diretas para os escritórios de corretagem achavam-se interrompidas por excesso de tráfego. Um recorde de dois milhões de chamadas telefônicas passou pelas estações que serviam Wall Street. Os circuitos eram insuficientes e as chamadas de Londres tiveram de ser racionadas. A Western Union alugou uma frota de táxis para auxiliarem a entrega de telegramas. Um membro da Bôlsa de Nova York, em visita a Paris, confessaria mais tarde que o atraso nas ordens telegráficas de venda que enviara para Nova York lhe havia

custado cinco milhões de dólares.

Enquanto um número incalculável de pessoas estavam perdendo fortunas, outros tentavam apanhar pechinchas, e os vampiros ofereciam um dólar por uma determinada ação, esperando que essa fôsse a única oferta quando algum vendedor largasse o papel por qualquer preço. Consta que um contínuo fez isso com o papel da White Sewing Machine e obteve 100 ações que três semanas antes valiam 48 dólares cada uma.

Entrementes, milhares de pessoas ficavam no cruzamento das ruas Broad e Wall, olhando, fascinadas, para o edifício da Bôlsa. Um quarteirão além, homens e mulheres enchiam a Igreja de Trinity para rezarem. Por tôda a cidade, os escritórios das firmas de corretagem estavam cheios de clientes pálidos que se espalhavam pelos corredores, e até pelas calçadas em frente. Clientes brigavam e insultavam corretores. Aqui e ali, uma investidora desmaiava. Algumas pessoas, mesmo depois de completamente arruinadas, continuavam olhando as cotações, como se estivessem hipnotizadas.

Por tôda a parte via-se gente correndo dos bancos para as casas de corretagem, levando certificados de ações e títulos retirados dos seus cofres-fortes. Alguns estavam atendendo a pedidos de aumento de margens, outros desejavam vender por qualquer preço, e as companhias de seguros eram assaltadas por pessoas que queriam li-

quidar as apólices ou contrair empréstimos sôbre elas.

O FIM DE UM DIA NEGRO. O mercado de balcão de Nova York também registrava um volume recorde de vendas e perdas sensacionais. As ações caíam igualmente em operações nas Bôlsas de Boston, Filadélfia, Pittsburgh, Chicago e San Francisco, assim como em Toronto e Montreal. O mercado estava completamente em baixa e as perdas de títulos não registrados eram fabulosas. Brooklyn Trust baixou de 1.720 dólares para 800 e as ações do First National Bank, preferidas das pessoas ricas, desceram de 6.800 dólares para 1.600. (No verão de 1932, iriam a 865 dólares.)

A parte da tarde trouxe mais boatos ao salão de transações: algumas grandes emprêsas tinham falido; o govêrno estava prestes a suspender todos os negócios; os grandes bancos, que se tinham comprometido a equilibrar o mercado fazendo pelo menos algumas compras, estavam, na realidade, vendendo títulos — boato êste tão sem fundamento como os outros. À uma e vinte da tarde, a duas horas do encerramento, as vendas ultrapassavam 12 milhões de ações, batendo todos os recordes. Em muitos locais de venda, as gavetinhas de madeira onde as ordens eram temporariamente colocadas tornavam-se insuficientes e o que transbordava era metido em cêstos de papéis. Após o encerramento da Bôlsa, um funcionário esgotado verificou que

esquecera um dos cêstos: nenhuma das centenas de ordens que nêle se encontravam fôra executada.

Finalmente êsse dia negro chegava ao têrmo. Com o gongo das três horas anunciando o encerramento da sessão, a gritaria transformou-se em vasto murmúrio. Mas a fita de cotações continuava a martelar. As ações da Electric Autolite baixaram de 95 dólares para 45 e as da Auburn Auto de 190 dólares para 60. Às 5h 32min chegou a última cotação, após o que o operador fez o seguinte comunicado: VENDAS TOTAIS DE HOJE, 16.388.700. BOA NOITE. Sòmente em 1967 êste volume seria igualado. O volume total, incluindo os lotes quebrados (ordens de menos de 100 ações) e as transações que por algum motivo não foram comunicadas, alcançou 23 milhões de ações, recorde que se manteve até êste ano.

A violência do choque dêsse dia nunca foi igualada. Em Providence, Rhode Island, um homem de negócios morreu de repente ao ver a fita de cotações. Em Kansas City, um corretor de seguros «apanhado pelo mercado» suicidou-se com um tiro. O corpo de outra pessoa que sofrera grandes perdas foi retirado do Rio Hudson. Em Santiago do Chile, suicidou-se um corretor muito conhecido. (Correu depois a história de que os jornais de Nova York tinham recebido tantas informações de suicídio que os editôres não dispunham de

repórteres em número suficiente para investigarem todos os casos. Nessa altura, eu era repórter do *Herald Tribune* de Nova York, e posso afirmar que, pelo menos, *esta* informação era infundada.) A bancarrota, a tensão e as fantásticas perdas provocaram derrames cerebrais e ataques de coração.

PODE ACONTECER NOVAMENTE ? O dia trágico que acabou com tantas fortunas e sonhos também marcou o fim da «era da maravilhosa insensatez», quando o Presidente Calvin Coolidge podia, na intimidade, condenar a loucura, enquanto a aplaudia públicamente, e John J. Raskob, diretor da General Motors, publicava um artigo mostrando como «todo o mundo» podia enriquecer comprando papel. Não fez diferença o fato de os preços médios dos títulos subirem no dia seguinte. Tornaram a baixar, e semana após semana continuaram a cair lùgubrememente, através dos anos de 1930 e 1931 e metade do de 1932.

Alguns investidores continuavam acreditando que tudo estaria bem se ao menos os preços subissem outra vez. Muitos morreram convencidos disso; outros sobreviveram à desoladora Depressão, que foi tão terrível a ponto de apagar muitas lembranças do próprio colapso da Bôlsa.

Mas algo se aprendeu com a catástrofe de 1929. Os americanos começaram a regulamentar as bôlsas, os corretores e as ofertas de ações novas. Foram estabelecidas regras

que evitavam ou minimizavam algumas das piores práticas, tais como as manipulações com os preços das ações, divulgação de notícias falsas acerca de títulos ou ocultação ao público investidor de informações sobre determinadas companhias. Ninguém pode afirmar com segurança se tudo isto é suficiente

para evitar outro 1929, pois já passaram 42 anos sem qualquer baixa de preços que possa comparar-se àquela. Mas, como disse uma vez o eminente financista Bernard Baruch, ninguém conseguiu ainda inventar medidas «que possam proteger permanentemente os homens das suas loucuras».



FREDDIE Gutman, aluno do quarto ano da Escola Pública n.º 2 de Nova York — juntamente com mais 50.000 crianças — mandou uma carta ao Presidente da Câmara Municipal, Sanford D. Garelik, e a outros membros do Serviço de Planejamento sobre o orçamento para a educação. Escreveu: «Prezado Senhor, eu odeio a escola. Por favor reduza a verba da minha escola. Obrigado.»

A resposta de Garelik: «Prezado Freddie: Obrigado pela sua carta e pela honestidade e coragem que demonstrou ao escrevê-la. Teria sido fácil para você concordar com o monte de crianças a quem mandam escrever-me, e as outras personalidades oficiais, pedindo para aumentar as verbas escolares. O fato de ter preferido a sua própria opinião mostra que você tem qualidades que muito se beneficiarão com os estudos. Fique na escola; um rapaz honesto como você terá êxito em qualquer profissão — exceto talvez a política. Com admiração, Sanford D. Garelik.» — E. O. N.



Frases Pitorescas

Comunicação Oral. Marido à mulher: «Enquanto você anda em busca da sua identidade, quer fazer o favor de não se esquecer da minha?» (v. t. s.)... Entre «amigas»: «Adoro o seu cabelo. É cultivado em casa?» (K. G.)... Menininha ao pretendente: «Não me interprete mal, Rod. Gosto muito do seu estilo de vida. Eu não gosto é de você.» (H. M.)

Minimáximas. O dinheiro pode estar na raiz de todos os males — mas como é linda a folhagem! (v. p.)